



100 anos da
Pedagogia Waldorf.
Celebrando com
as Abelhas

Aquarela: Adriana Ungaretti

E chega justamente na Época de São João, a primeira edição deste ano do jornal da nossa Escola. Um jornal pensado desde o início do ano e que veio tomando forma e ganhando vida ao longo do semestre. Trazemos nesta edição textos que mostram muito da vida de nossa escola, mas também do desabrochar para a vida de nossas crianças. Começamos com a acolhedora rotina do jardim, passando pelo Portal, que leva nossas crianças para um novo setênio, uma nova e desafiadora etapa da vida, com muito aprendizado e descobertas. No Ensino Fundamental, tivemos um "Flohmarkt! E chegamos então ao Ensino Médio, que ganhou móveis novos, e se estrutura para receber cada vez melhor esses jovens que chegam aos terceiro setênio. Contamos ainda sobre o exercício sociocrático, que ajudou a eleger novos Diretores Associativos, e o nascimento da Comissão de Escola de Pais, que mesmo recente, tem proporcionado à comunidade encontros muito proveitosos. Enfim, boa leitura a todos. Que estes textos possam aquecer e transformar nossos corações.

Comissão de Comunicação

Expediente:

A Terceira Margem Nº 1/2019
Junho de 2019
Jornal Informativo da Escola
Associativa Waldorf Veredas

Organização, edição e revisão: Comissão de Comunicação

Textos: "Alunos, Pais e Professores da Escola Associativa Waldorf Veredas"

Diagramação: Emília Albano

Escola Associativa Waldorf Veredas
Estrada Municipal Adhelina
Segantine Cerqueira Leite, KM 2.6, s/n
Chácara São Rafael, Campinas - SP,
13098-035
Telefone: (19) 3262-1322
www.escolaveredas.com.br

CANTINHO DE ÉPOCA



Fotos: Amada Távora

SAMBA ENREDO 2019

EXALTAÇÃO

A criatividade que invade a gente
É quente,
Borbulha na mente daquele que sente,
Borbulha na mente daquele que sente.
Sambando na praça
Para ver a graça
Da banda que passa,
Trazendo alegria que a gente abraça,
Trazendo alegria que a gente abraça.

Veredas, meu chão,
Um caminho de alegria e amor,
Pra cada dor do espinho,
Um perfume de flor. (2x)

ENREDO

Introdução

Construindo raízes,
Ficamos grandes, ficamos firmes,
Ao encontro do céu.
A escola que veio primeiro
Espalhou a esperança

Pelo mundo inteiro
Esse é o nosso papel. (2x)

Tô chorando cachoeiras de esperança,
Imaginando que um dia,
Para nossa alegria,
Venha uma grande mudança.

Eu vejo
O sorriso escondido do povo sofrido,
Que nas ruas anda, gritando e cantando
A música do povo unido.

Aqui encontrei a felicidade
Cada passo, um novo horizonte,
Do céu estrelado
Para a Terra uma ponte.

São cem anos de luta,
De amor, de suor e labuta,
Do encontro de almas que sonham
Do chão para o céu

São cem anos de idade
Caminho para a liberdade,
Pra todos queremos tirar o chapéu.



Carnaval é coisa séria!

Neste ano em que celebramos o centenário do nascimento da Pedagogia Waldorf no mundo, tivemos a oportunidade de comemorarmos a festa de Carnaval quatro semanas após o início do ano letivo. Esta festa, que é móvel no nosso calendário anual, muitas vezes acontece bem no começo das aulas e podemos perder a chance de transformá-la em uma vivência pedagógica e escolar com sentido.

Este ano foi diferente. Além do tempo hábil, tínhamos um tema que foi comum à escolar toda: a celebração dos 100 anos da Pedagogia Waldorf. E não desperdiçamos a oportunidade de inserirmos nossa comunidade escolar, com bastante consciência, neste movimento mundial.

Participaram da festa todos os alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, professores, funcionários e pais que quiseram e puderam estar presentes. Cada classe do Ensino Fundamental preparou uma "ala" festiva com temas que remeteram à Pedagogia Waldorf: árvores, flores, jardins e jardineiras/jardineiros, alimentação saudável, tricô, caderno de época, professores Waldorf. O Ensino Médio preparou a bateria, o samba enredo e o samba exaltação; teve madrinha da bateria, comissão de frente, mestre sala e porta bandeira. E que bandeira! Alunas do Ensino Médio, com grande criatividade e **talent**, uniram a imagem da Escola Veredas à da celebração dos 100 anos da Pedagogia Waldorf, num desenho original e cheio de significado. O baile de carnaval teve desfile e a Escola Veredas se tornou uma Escola de Samba coesa, bonita, alegre, dedicada ao evento e preparada para isso.

Grande parte do processo de criação ficou sob responsabilidade do Ensino Médio, o que era incerto desde o começo, pois, como todo trabalho de criação coletiva, é muito difícil saber onde se irá chegar. O mais importante era envolver os alunos a partir da iniciativa própria e isso foi um sucesso. Em nossa primeira aula de coral os professores de música, Marcus Vinícius e Helena Castro, fizeram um **brainstorm** com os alunos, de modo que a lousa foi preenchida com palavras que remetiam aos 100 anos da pedagogia Waldorf. Em seguida, os alunos foram divididos em grupos de três a quatro pessoas e cada grupo deveria escolher algumas daquelas palavras para compor estrofes curtas. Esse material foi recolhido e guardado para um trabalho posterior. Durante a semana os alunos do Médio foram divididos em quatro frentes:

1. ALEGORIAS, FANTASIAS E ADEREÇOS, os quais, orientados pela professora Kátia Nasci-

mento e Eliane Silva (Lica), seriam responsáveis por desenhar, pensar materiais belos e **que não agridadam a natureza**, criar fantasias para comissão de frente, bateria, mestre sala e porta bandeira (inclusive como seria o estandarte), e pensar o que seria a fantasia dos outros componentes (ala coreografada, etc.)

2. COREOGRAFIA - COMISSÃO DE FRENTE, MESTRE SALA E PORTA BANDEIRA, ALA COREOGRAFADA, que, orientados pelos professores André Rosa, Kléber Akama e Juliana Filette, se responsabilizaram por criar e ensaiar coreografias de comissão de frente, mestre sala e porta bandeira, e pensar numa coreografia mais fácil que uma ala inteira pudesse fazer.

3. BATERIA, os quais, liderados pela professora Helena Castro, tiveram a responsabilidade de ensaiar, e viabilizar na comunidade mais instrumentos de percussão, assim como saber afiná-los e preservá-los (tamborim com baquetas, tambores, agogôs, ganzás, recos etc.).

4. ALA DOS COMPOSITORES, os quais, orientados pelo professor Marcus Vinícius, tiveram a tarefa de compôr o samba exaltação e o samba enredo da escola com o tema "100 anos da pedagogia Waldorf no mundo": letra, melodia e harmonia; além de tocar os instrumentos harmônicos, como violão, melódicos, como flauta transversal, e aprender a cantar com segurança a música, de modo a conseguir segurar o canto durante toda a festa.

Na semana seguinte, uma semana antes do carnaval, também durante as aulas de coral, os grupos se dividiram e colocaram a mão na massa. Nesse dia o samba exaltação e o samba enredo ficaram praticamente prontos, necessitando apenas de pequenos ajustes. A bateria ensaiou os toques principais, a coreografia pensou nos primeiros passos e a fantasia já começou a confeccionar as peças e a idealizar a bandeira. No dia seguinte o samba exaltação e o samba enredo já estavam prontos para serem ensinados aos professores em nossa reunião semanal e aos alunos do Ensino Fundamental. Com o enredo pronto, tivemos uma semana para pensar nos últimos detalhes, ensaiarmos e nos prepararmos para a tão esperada festa de carnaval, inédita da forma como foi. O Ensino Médio tomou essa festa com as mãos e os alunos se envolveram de uma forma verdadeira, como ainda nunca havia acontecido. Nossa meta foi cumprida.

A Festa foi linda! E foi o final de um processo pedagógico artístico, criativo e pleno de significado,

realizado de maneira intensa e em pouco tempo. Foi a colheita dos frutos.

Professores Mariana Bugano e Marcus Vinícius





Foto: Alexandre Machado e Aquarelas: Laís, Helena (6º ano) e Túlio Schimit (3º ano)

100 anos da Pedagogia Waldorf: celebrando com as Abelhas

Em 2019, celebramos os 100 anos de inauguração da primeira escola Waldorf, em Stuttgart, na Alemanha. Um século é tempo suficiente para que um impulso cultural amadureça e trilhe seu caminho rumo à evolução e readequação às novas condições histórico-culturais ou à decadência e paulatino enfraquecimento das instituições e iniciativas.

Como celebrar esta data, reconhecendo os valores e conquistas do passado e, também, cultivando novas iniciativas, para a vida deste movimento pedagógico, que pretende ser um impulso cultural para toda a humanidade em nossa época? Um grupo de trabalho, reuniu-se na sede do movimento antroposófico, em Dornach, na Suíça, e em outros encontros locais, dos quais partiram algumas diretrizes mundiais:



Relação Centro – Periferia

Propõe-se que, em todo o mundo, esta data seja celebrada de forma local, em cada escola, cada iniciativa, inclusive em iniciativas individuais, em diálogo com a cultura e a maior diversidade possível de interlocutores. Em julho, em Dornach, na Suíça, haverá um grande evento mundial reunindo iniciativas de todo o globo.



Aprofundamento

Em todas as iniciativas, grupos de estudo, e encontros pedagógicos, serão aprofundados o estudo e a compreensão das palestras pedagógicas **1** dadas por Rudolf Steiner, em 1919. Nelas, estão fundamentados os princípios da pedagogia

Waldorf, de acordo com a compreensão do ser humano e seu desenvolvimento.



Postais

Como iniciativa prática, foram impressos e distribuídos cartões postais em branco com o endereço de todas as escolas cadastradas. A troca de cartões artisticamente trabalhados é uma forma de relacionamento entre as crianças e escolas de todo o mundo.



Abelhas

Cultivar o amor e respeito à natureza, como condição para que o progresso econômico, cultural e jurídico humano progrida de forma sadia, é um consenso entre os professores contemporâneos, especialmente no contexto Waldorf.

Em muitos lugares do mundo, as abelhas estão ameaçadas, com sérias consequências para o meio ambiente e a humanidade, e o grupo de trabalho dos 100 anos propôs uma iniciativa amplamente acolhida em escala mundial:

A partir de 2019, todo o movimento Waldorf mundial vai estabelecer ações concretas em prol das abelhas. Podemos dizer que nós, enquanto um movimento global, queremos assumir **(em parte)** o destino (o “carma”) das abelhas em nosso planeta e contribuir para que elas prossigam com sua co-existência e relação milenar com os seres humanos e a natureza.

Muitas ações são possíveis neste sentido, desde cultivo de jardins para polinização, criação de abelhas com fins pedagógicos, até o fortaleci-

mento de cadeias produtivas de mel, cera, própolis, através de parcerias com apicultores.

Em nossa escola, a meliponicultura (criação de abelhas sem ferrão) vem ganhando força. Com iniciativas do corpo pedagógico, apoio da gestão administrativa e de manutenção já foram instaladas 10 colméias na escola, nove da espécie jataí e 1 da espécie mirim.

Com os alunos, realizamos atividades como construção de novas caixas, transplante de colméias, extração de mel e, principalmente, a observação e convívio com estes seres adoráveis, que pela sua simples e devotada existência, despertam nosso respeito e admiração renovada pela natureza.



Como posso participar?

Proponho que cada leitor reflita como foi o encontro com a pedagogia Waldorf em sua biografia. O quanto você conhece de sua história e seus fundamentos? Como, em sua esfera de atuação, pode-se contribuir para que esta pedagogia continue viva, atual, vigorosa e acessível a quem dela precisa? Como fruto destas reflexões, podemos almejar uma celebração adequada ao centenário desta pedagogia, concebida com as melhores esperanças num progresso real da humanidade nesta época.

André Toffoli, Professor de Jardinagem, em colaboração com **Daniel Carvalho Gomes** (Manutenção)

1 - O Estudo Geral do Homem: Uma base para a pedagogia (A Arte da Educação I), de Rudolf Steiner. Editora Antroposófica

Fotos:



O presente de Francisco

Nas minhas lembranças da infância, sempre lembro minha avó falando de São Francisco. Lembro dela me deixar assistir o filme, “Irmão sol Irmã Lua”, que conta a história de São Francisco e Santa Clara. Naquela época, eu era ainda uma menina e adorava assistir esses filmes. Ainda muito pequena não entendia toda história, mais o fato dele largar a família, se despir de

tudo e sair ao mundo, me passava muita coragem e força. Negar toda sua riqueza e encontrar amor e bondade no próximo, sempre mexia comigo. São Francisco foi uma grande inspiração.

Esse ano, quando a professora Andreza, do oitavo ano, veio visitar a nova sala do Jardim, na qual eu sou a professora, viu as janelas pintadas da sala e me fez o pedido de pintar algo para ela. Como ela havia escolhido como tema para a peça do oitavo ano a história de São Francisco, sugeri uma imagem do santo para inspirar os alunos. Inicialmente, ela me pediu um vitral, **mais** sugeri algo em outro material, ela me deixou a vontade para fazer onde eu quisesse.

Também me pediu ajuda para conseguir um contato de uma professora da escola Waldor São Francisco de Assis em São Paulo. Tenho grandes amigas que vieram de lá, Leila, Adriana Ungaretti e Ângela, que logo se mobilizaram e a Professora Andreza conseguiu o que precisava.

A Adriana, além de grande amiga, é minha professora de desenho, afinal sempre é tempo para se aprimorar. E por coincidência, ela fez uma imagem de São Francisco para a escola Waldorf São Francisco de Assis. Pedi sua permissão para usar a mesma imagem e com grande bondade ela autorizou. Resolvemos modificar um pouco a original e comecei a fazer esse presente para a Professora Andreza e para os alunos do 8º ano.

Foram **5** aulas para a imagem ficasse pronta. Então o desenho veio passear na sala do Jardim. As crianças sabem que gosto muito de desenhar e ficaram felizes com a visita. Contei a elas que nós iríamos presentear uma sala de crianças grandes que iriam fazer um teatro sobre o São Francisco. Achei importante para a turma me ajudar a embalar o quadro, enfeitar e entregar o presente junto comigo.

O quadro ficou um dia na nossa sala e na manhã seguinte, de surpresa, o levamos para o 8º ano. O encontro foi emocionante! As “crianças grandes” e os pequenos, sendo presenteados por essa visita. Os pequenos adoraram poder entrar na sala dos grandes e saber que um dia também vão ser grandes como eles. Pela reação amorosa do 8º ano, eles também gostaram muito! **Ganhamos** flores e muitos abraços emocionados de obrigado. A gratidão ainda me enche o peito.

Esses dias revi o filme... e me inspirou novamente. Aproveitei para tirar um trecho da canção:

“Se você quiser ver seu sonho se realizar não tenha pressa, vá devagar faça poucas coisas, mas faça-as bem o que vem do coração cresce puro”

A peça está linda! Na Festa Semestral, tivemos uma amostra. Temos cantado também músicas da peça com o grupo de professores e são emocionantes. Não vejo a hora de ver a apresentação desses jovens que a professora Andreza guiou com tanto amor e coragem!! Só podia ser São Francisco!

Vanessa Jakowatz, **prolessora** de Jardim

No início do ano, durante uma visita ao novo jardim da escola, o jardim da Professora Vanessa, me encantei com seus vitrais. As janelas da sala foram habitadas por fadas, gnomos, flores.... Todos eles manifestados pelas habilidosas mãos da professora. Imediatamente pedi por Francisco de Assis em minha sala:

“Vanessa, quero Francisco na minha janela!”

A experiência artística e apurada da professora me convenceu de que a imagem escolhida ficaria melhor numa maior proporção e em outro material: a madeira.

Foram algumas semanas de espera, alegria e ansiedade para a vinda do quadro de Francisco; que chegou numa linda sexta feira, carregado por vigorosos pequerruchos, alunos do jardim. A turma do 8º ano não sabia, manteve segredo e surpresa. Foi sem dúvida um dos grandes e emocionantes momentos que tivemos e ainda teremos dentro desse processo do teatro e, principalmente, nesse encontro com o nobre e simples Francisco de Assis.

“Francisco tem inspirado partilha, liberdade e muito amor entre os professores da Escola Veredas. Que possamos enquanto comunidade ser o instrumento da nossa Paz.”

Abraço fraterno

Andreza, Professora do 8º ano

Teatro do 8º Ano: Francisco de Assis

Texto:

Dias:

Local:



A construção de um Processo de Inclusão na Escola Associativa Waldorf Veredas.

Lenda para a imagem

“Era em tempos antigos
Em que vivia vigoroso na alma dos iniciados
O pensar que é doente por natureza
Todo ser humano é.
Considerava-se a educação al ao processo de cura,
O qual, junto com o amadurecer,
Trazia saúde à criança
Para ela tornar-se plenamente humana na vida”.
R. Steiner

Inclusão é “juntar(-se) a” onde pessoas (crianças, jovens e adultos), por problemas em seu desenvolvimento, não conseguem se não por processos diferenciados.

Na escola Associativa Waldorf Veredas a inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) – individualidades que têm o desenvolvimento diferente da maioria - teve seu início desde a fundação da escola e desde então grupos de pessoas tem se dedicado a construir este processo.

Nossa escola tem 40 anos. Quatro anos atrás, em conjunto com a Coordenação de Inclusão, aconteceu a contratação de um especialista em inclusão, que trouxe um olhar mais detalhado do ponto de vista educacional e social do processo de inclusão, que deve ser capaz de atender a todos indistintamente, incorporando as diferenças.

Ainda estamos em construção deste processo, pois a exigência é alta para a transformação do cotidiano, o surgimento de novas práticas na organização escolar, seja dentro da sala de aula ou em procedimentos e processos institucionais.

A estruturação de como pensar e fazer a inclusão é uma construção discutida no mundo todo e cada instituição se coloca neste lugar de forma singular. Em nossa escola o professor e a família são os principais responsáveis por este processo e as demais pessoas envolvidas (Coordenação de Inclusão, Auxiliares de Classe, Núcleo de Inclusão, Administrativo, Órgãos Gestores, Manutenção e Jurídico) apoiam, estruturam, organizam e auxiliam este caminhar.

Dentro da escola temos procedimentos que apoiam a estruturação da inclusão: professores e coordenação de inclusão fazem reuniões para discutir e traçar objetivos comuns no processo pedagógico, também junto aos pais e terapeutas externos à escola. Este triângulo é de fundamental importância para o desenvolvimento do aluno com NEE. Reuniões semanais com os auxiliares de classe, que são o apoio cotidiano do professor no processo de inclusão do aluno, também acontecem. Temos um Núcleo de Inclusão que olha para questões emergenciais e também constrói o processo de inclusão dentro da escola.

É importante notar que a inclusão não se dá apenas no aprendizado do conteúdo, mas também, e principalmente, do ponto de vista social, o que para nossa pedagogia é tão importante quanto o aprendizado cognitivo. Em alguns casos esta é a parte mais importante e prioritária.

O indivíduo especial coloca um desafio para cada um de nós: o de pensar fora do lugar comum. Ele nos convida a nos perguntarmos: Qual o nosso papel no mundo? Por que estou aqui? Ao nos depararmos com o desafio de educá-lo precisamos reinventar, pois o procedimento utilizado com a maioria muitas vezes não servirá.

Myriam Orrillo, educadora e terapeuta argentina, escreve que os alunos especiais não apenas exigem o cultivo de nossas virtudes, como também nos trazem o presente de aguçar nossos talentos. Não como algo abstrato e distante, mas sim como uma produção constante e presente do desenvolvimento de capacidades.

É nossa tarefa enquanto educadores - professores, pais e comunidade toda - facilitar e romper as barreiras para melhorar o desenvolvimento de cada um de nós, inclusive daqueles que desde o princípio apresentam diferenciações. Todos nós somos parte, pois temos nossas diferenças. Somos todos responsáveis pelos demais e parte nisto.

Daniela Lacerda, Coordenadora de Inclusão

O ensino de ciências no Ensino Fundamental da Escola Waldorf

A partir do sexto ano escolar, com a entrada na puberdade junto com as transformações corpóreas típicas desta fase, os alunos desenvolvem novas capacidades anímicas: suas forças volitivas e do sentimento adquirem um caráter mais pessoal, mais individual, e a vida interior ganha uma relevância cada vez maior para esta criança que vai aos poucos abandonando a vida infantil e se tornando um jovem. Ao mesmo tempo, sua capacidade cognitiva se transforma, o que exige dos professores uma nova postura diante dos seus alunos.

Esta capacidade cognitiva, que vai se tornando também cada vez mais autônoma, vai se aprofundando e deve ser conduzida com consciência pelos docentes para que amadureça até um pensar vivo, criativo e autônomo nos jovens adultos que deixam a escola e iniciam sua atuação pessoal, de caráter autoral no mundo.

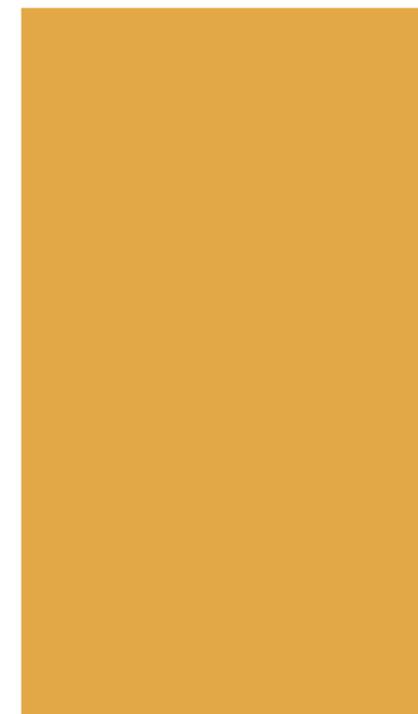
A partir do sexto ano escolar, nas escolas Waldorf, novos conteúdos surgem no currículo para ancorar este processo, enquanto outros se transformam fortemente, exigindo dos alunos um novo grau de maturidade. São significativos, por exemplo, o surgimento no currículo do ensino da história a partir de um ponto de vista cronológico e factual, e das ciências experimentais (física e química). A imagem das aulas de ciências que a maioria das pessoas têm, envolve algumas poucas experiências realizadas em um laboratório ou mesmo em sala de aula. Com sorte, na verdade, tivemos uma vivência prática assim no Ensino Fundamental. Além disso, as experiências, em geral, têm a característica de apenas ilustrar o que o professor disse anteriormente. No ensino de ciências na escola Waldorf ocorre justamente o oposto. A experiência possui papel central, e é a partir dela que o conhecimento é construído.

Em nossa vida cotidiana, aprendemos através de vivências. As vivências não ilustram o que pensamos sobre elas. Ao contrário, elas são o que nos gera entusiasmo e interesse, o que nos mobiliza. Vivenciamos algo, e depois sim, esta vivência movimenta nossos sentimentos, para só então construirmos um novo pensamento que influenciará nossos próximos passos.

Tornar a vivência a parte central do processo de aprendizagem é um dos desafios do professor Waldorf, que pretende que a aquisição de

conhecimentos escolares pelos alunos siga os mesmos passos da vida humana.

Experiências, assim como narrativas, precisam gerar uma comichão interior, um incômodo, uma pergunta. É preciso que as vivências nos deixem sedentos por entendê-las, assim como no circo um mágico nos deixa ávidos por decifrar o enigma por trás do que se nos apresenta aos olhos. Após o experimento, uma pergunta deve surgir (quando não, várias) e ressoar



no aluno durante um tempo, ou mais precisamente, por uma noite.

Para que gerem movimento dentro dos jovens, as imagens e narrativas contadas em sala de aula precisam estar repletas de elementos e detalhes que a vinculem com o ser humano, enquanto as experiências precisam ser belas e apresentar resultados claros e significativos.

Enquanto o aluno está bastante desperto na observação que faz, ele não está tão acordado para seus julgamentos e sentimentos. Ele como

que sonha neste âmbito, e neste momento, as atividades artísticas auxiliam na tomada de consciência do que sentem diante do que viram ou ouviram. Além de descrever o que vivenciaram, os alunos são levados a representar artisticamente sua experiência interior. Novamente, não se trata de ilustrar algo, mas de acessar algo profundo e que até então se manteve semiconsciente numa vivência completamente individual e, muitas vezes, distinta para cada um.

A aula termina neste momento, sem que seja feita uma explicação sobre o experimento observado, ou sem grandes fechamentos em relação à narrativa apresentada. A aula deve terminar com uma grande pergunta no ar, e o aluno pode agora dar tempo para que ela ressoe dentro dele. Mesmo que isto se dê durante a noite de sono, enquanto dorme.

Apenas no dia seguinte, depois de o aluno já ter se afastado o suficiente do que vivera no dia anterior, e depois de ter tido tempo para aprofundar o enigma apresentado, é que o professor constrói com a classe o fechamento desejado. Juntos buscam o conceito por trás da descrição trazida, da narrativa histórica, do texto lido ou da experiência. Com isso, um novo degrau é colocado por todos, para que um novo passo possa ser dado. E então, novos enigmas podem surgir.

Apresentar explicações para depois apenas ilustrá-las, ensina o ser humano a se afastar do que realmente acontece na sua vida, do modo como se relaciona com os fenômenos que o cercam, da possibilidade de perceber as reais necessidades dos seres que o envolvem.

No futuro, não precisaremos de seres humanos que vivam em pensamentos abstratos não relacionados aos fenômenos que percebem, mas de seres humanos que saibam observar o que vive em seu entorno, que tenham a capacidade de julgar o que experimentam e que possam transformar esta vivência em algo novo, que possa crescer construindo conhecimentos vivos e atuando no mundo no sentido de promover o sadio desenvolvimento da humanidade.

João Moreno Sant’Ana, professor física e **Mariana Bugano de Alcantara**, professora do 6º ano



Lendendas para essas imagens

Línguas estrangeiras na Pedagogia Waldorf: vivenciar, conhecer, respeitar...

Pouco mais de cem anos atrás, Rudolf Steiner dirigia-se aos operários da fábrica Waldorf-Astoria, em palestras organizadas pelo diretor da instituição, sr. Emil Molt. Um dos principais assuntos tratados era uma nova possibilidade de organização social e sua fundamental relação com a educação. Tratava-se da ideia da trimembração do organismo social, a qual propunha que, no âmbito político-jurídico, a igualdade entre as pessoas fosse o princípio norteador, enquanto o processo econômico deveria ser conduzido pela fraternidade, e os assuntos da ciência, da arte e da vida espiritual, pela liberdade. Uma verdadeira formação humana que contemplasse todos os cidadãos era necessária para que se pudesse chegar à realização deste ideal, algo de que todo o proletariado havia sido privado. O tema tocou tão profundamente os trabalhadores, que moveu neles o desejo de proporcionar a seus filhos uma estrutura educacional nova. Esta era uma cálida aspiração que também repousava no coração do sr. Molt, que então deu início a uma longa, persistente e generosa atuação, diligentemente conduzida por Rudolf Steiner até o fim de sua vida.

No centenário da Pedagogia Waldorf, continuamos sendo chamados a refletir sobre as propostas iniciais apresentadas por Steiner àquele que seria o primeiro corpo pedagógico a realizar essa bela e complexa arte de educar à luz da Antroposofia. Já desde aquele momento, o ensino de línguas estrangeiras foi bastante valorizado e, surpreendentemente para aquela época, proposto desde o início do ensino fundamental, e em dois idiomas modernos diferentes (além dos idiomas clássicos, também presentes no Ensino Fundamental). Rudolf Steiner chegou a afirmar que algo característico da escola Waldorf seria a forma como ela ensinaria as línguas estrangeiras. Isto

porque, se a Pedagogia Waldorf tem como esteio os ideais da trimembração do organismo social, tais princípios se evidenciam, naturalmente, também na abordagem do ensino dos idiomas, ampliando seus objetivos instrumentais, ligados à habilidade de comunicação, que passam a ser alcançados como um “efeito colateral, ainda que muito valioso, num processo designado a facilitar o entendimento humano em geral, entre pessoas de qualquer raça, nação ou língua, ao estabelecer uma facilidade de olhar com os olhos do outro.” (Stott, 1995: 9.)

Durante as aulas de idiomas, as crianças têm a oportunidade de vivenciar, conhecer e respeitar culturas diversas através de canções, versos, brincadeiras e pequenos rituais tradicionais dos países que têm a língua em questão como língua materna. Os conteúdos abrangem sempre diversas características desses países estrangeiros, como festejos, histórias, personagens típicos, hábitos, alimentação, aspectos climáticos, fauna, flora, etc. Por exemplo, no primeiro ano, as crianças vivenciam os aniversários com uma música típica alemã, cantando enquanto o aniversariante é erguido com grande alegria nos braços dos professores. No segundo ano, as brincadeiras tradicionais em língua inglesa são atividades fundamentais das aulas, trazendo personagens como Jack Frost (que, antes de ter sido recentemente transformado num personagem de desenho animado, é, há séculos, conhecido como o ser que personifica a geada e o frio), tentando pegar as crianças que brincam no jardim, até ser expulso pelo Pai Sol — papéis representados pelas crianças enquanto brincam. No terceiro ano, diversas canções tradicionais sobre as profissões primordiais são trazidas do cancionário infantil alemão. No sexto, sétimo e oitavo anos, histórias como as de Mandela, Rei Arthur e Guilherme Tell são lidas, encenadas e trabalhadas, além da produção de projetos baseados em temas do social dos alunos dessas idades ou da cultura e costumes de países pelo mundo que falam as línguas propostas. Assim, as crianças vão crescendo e, ao longo da vida escolar, ganhando intimidade com uma ampla diversidade cultural e linguística.

É bonito ver quando a criança está aberta, receptiva para essas novidades, entregando-se a momentos como esses com admiração e respeito, aprendendo,

naturalmente, a articular novos fonemas, a reproduzir a musicalidade presente em cada idioma, e a usar expressões e estruturas linguísticas, que serão, nos anos iniciais, empregadas de forma prática e, alguns anos mais tarde, também compreendidas intelectualmente. Dessa forma, ela tem a oportunidade de ampliar sua visão de mundo, já que cada idioma está imbuído de diferentes pontos de vista e valores culturais e geográficos, estabelecendo uma relação específica com o ser humano. A criança pode, assim, paulatinamente, construir um espaço de movimentação mais livre em suas possibilidades de compreensão das pessoas e do mundo.

Afinal, a razão pela qual um mesmo objeto ou ser, no mundo, pode ser nomeado de diferentes formas, revela os modos diversos de cada cultura enxergar, compreender e relacionar-se com tal objeto ou ser. Cuore, coeur, corazón, coração expressam qualidades bastante diferentes deste órgão do corpo humano daquelas que heart ou Herz expressam. Porém, todas elas são formas humanas de expressar algo, a partir de um ponto de vista e um modo específico de ser. Realizar, desde o início da vida escolar, a prática de reproduzir, a partir da imitação do professor, e, aos poucos, compreender e expressar essas formas, contribui não só para o desenvolvimento de habilidades comunicativas nos idiomas estrangeiros, que são bastante importantes na contemporaneidade, devido a necessidades de ordem prática, mas também para o desenvolvimento de habilidades sociais, que vêm acompanhadas de maior flexibilidade e abertura anímica, possibilitando que se julgue e se estranhe menos o diferente, o outro.

Iniciando o aprendizado de um idioma estrangeiro aos seis ou sete anos de idade, a criança terá suas forças imitativas ainda bem aproveitadas para que possa aprender de modo semelhante ao que aprendeu a língua materna, ou seja, através da atividade e do sentir, não da compreensão racional. Para se chegar a esta última, um longo caminho será construído a partir do quarto ano escolar, chegando ao pleno pensar racional sobre a língua apenas no Ensino Médio. Além disso, este idioma ainda atuará em seu corpo físico, marcadamente em seu aparelho

fonador, que realizará novos movimentos e articulações, como em sua alma, com todas as forças das quais está imbuído.

Assim, segundo Rudolf Steiner, os idiomas estrangeiros realizam uma atividade sanadora, ao complementar e equilibrar os efeitos da língua materna em cada pessoa, considerando-se a meta de desenvolvimento não especializado, mas de fato humano, integral da pessoa, em direção ao ser livre e autônomo, capaz de uma atuação ética plena de amor.

“Tendo viajado longe o bastante na estrada da individualização, cujo início foi simbolizado pela lenda da torre de Babel, nosso caminho deveria ser agora dirigido para a reconciliação e reestabelecimento de um mundo unido. Para isso, devemos desenvolver a habilidade de nos colocarmos ‘no lugar de outra pessoa’” (Stott, 1995: 9). Assim, o aprendizado das línguas estrangeiras cumpre essa função de dar oportunidades às crianças, desde o início de sua educação escolar, de se colocar no lugar do outro, aprendendo a se expressar e compreender como se expressa esse outro, esse alguém que provém de outra origem geográfica e cultural e que a princípio nem se conhece, mas que também é humano, e sob esse ponto de vista, é um igual. Trata-se de uma lição para aprender a fraternidade humana, tão prezada pela Pedagogia Waldorf, e de contribuir para que, na prática, ela possa se realizar aqui e agora.

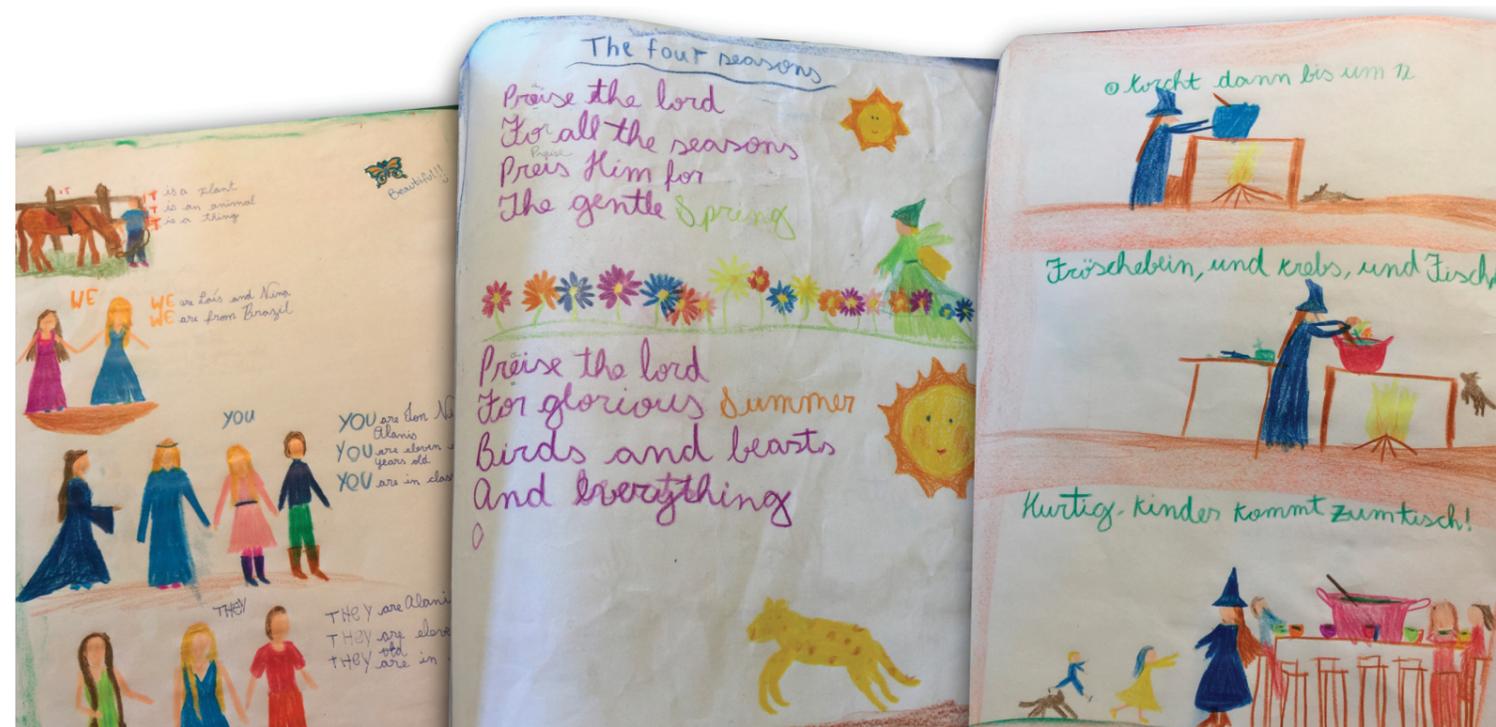
Professores do Núcleo de Idiomas

SCAVASSA, J. S. Brincadeiras folclóricas nas aulas de inglês do segundo ano do Ensino Fundamental na Escola Waldorf: um estudo de caso. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Seminário do Sítio das Fontes em 2016.

STEINER, R. Lecture 10, S-5390, 1923. In: www.rudolfsteinerarchive.com

STEINER, R. A arte de educar baseada na compreensão do ser humano. Trad. Maria do Carmo S. F. Lauretti. São Paulo: Ed. Antroposófica, 2013.

STOTT, M. Foreign language teaching in Rudolf Steiner schools. Grã-Bretanha: Hawthorn Press, 1995.



Associativismo: Autogestão e as Escolas Waldorf

Parte I: Desenvolvimento em 4 âmbitos

Este ano as Escolas Waldorf (EW) estão celebrando 100 anos de existência. Ao longo desse tempo muitas escolas inspiradas na Antroposofia foram criadas em diversos países.

Além de toda a inovação com relação à questão pedagógica e à atuação do professor a partir de uma compreensão mais ampla do desenvolvimento humano, uma coisa que logo chama a atenção quando entramos em contato com uma EW é sua forma de gestão, onde pais, professores e funcionários atuam de forma associativa. No entanto, apesar de muitas EWs ao redor do mundo terem muita experiência acumulada nesse sentido, ainda há uma grande dificuldade dessas escolas de trabalharem de forma associativa e até de entender o que significa trabalhar, na prática, de forma associativa. Muitas vezes, no início de uma escola, se tem a concepção de que todos devem decidir tudo, o que leva a um certo caos, a uma demora nas decisões e, muitas vezes, a conflitos e até mesmo inoperância.

Então surge a questão: como podemos nos organizar como grupo, de forma inteligente, de maneira a aproveitar o potencial de cada um em prol dos objetivos do todo? Como fazer isso sem sermos lentos nas decisões e ações? Como respeitar e conciliar as vontades individuais, sem levar ao caos e aos conflitos?

A dificuldade inicial reside na falta de clareza sobre o que é trabalhar em grupo, o que é gestão compartilhada e o que é autogestão. Sobre quem é responsável por decidir o que e quando e sobre como delegar responsabilidades.

Outro aspecto importante a considerar é que para sustentar a estrutura de gestão (a organização em grupo), é importante que as pessoas envolvidas aprendam a trabalhar com processos colaborativos de reunião, de tomada de decisão e de delegação. Mas para que esses processos caminhem bem, é preciso desenvolver habilidades relacionais essenciais como escuta empática, comunicação franca e respeitosa e saber distinguir o que é fato do que é opinião pessoal ou julgamento. E para sustentar essas habilidades relacionais na prática, é fundamental que cada um trabalhe no seu auto-desenvolvimento, aprendendo a reconhecer, admitir e aceitar suas luzes e suas sombras, se tornando aprendiz de si mesmo.

Estrutura de Gestão (como nos organizamos como grupo):

Processos colaborativos: reuniões produtivas, tomadas de decisão e delegação

Habilidades relacionais: escuta empática, comunicação franca e respeitosa e distinguir fato de opinião

Autodesenvolvimento (aprendiz de si mesmo, de suas luzes e suas sombras) e **Vulnerabilidade**

Para que uma EW (ou qualquer outra organização que queira trabalhar de maneira menos hierarquizada) seja bem-sucedida, precisa trabalhar o desenvolvimento de seus integrantes nesses 4 âmbitos. Isso requer um esforço contínuo de desenvolvimento, que traz seus frutos com mais clareza dos papéis de cada um, com decisões mais rápidas e que geram mais comprometimento de todos, com relações mais harmônicas e com pessoas mais autênticas e responsáveis.

Parte II: Autogestão, Integralidade e Propósito Evolutivo

Voltando à questão colocada na primeira parte deste artigo, da organização como grupo, podemos aprender com o movimento das metodologias ágeis, que surgiu inicialmente em empresas iniciantes (startups) de tecnologia e está se expandindo rapidamente, inclusive para grandes empresas de ramos diversos.

Nesse contexto, foi publicado recentemente um livro que nos ajuda com a experiência de 12 organizações ao redor do mundo, de tamanhos diferentes e de ramos diversos. O livro se chama “Reinventando as Organizações” do Frederic Laloux. Ele pesquisou organizações que trabalham num nível de consciência mais amplo, que ele chamou de nível Evolutivo. Uma coisa que chama a atenção no livro é que, apesar de reconhecermos que queremos que as EWs que criamos atuem nesse nível de consciência mais amplo, ele não cita nenhuma EW.

Ao pesquisar as 12 organizações, ele percebeu que, apesar de estarem em países diferentes e seus líderes não se conhecerem, elas apresentam muitas práticas similares que as diferenciam das milhares de outras organizações que atuam em outros níveis de consciência. Essas práticas se referem a 3 aspectos essenciais que são comuns nessas organizações: Autogestão, Integralidade e Propósito Evolutivo.

Um primeiro aprendizado importante desse livro é sobre a Autogestão. Autogestão implica em confiança, autonomia e responsabilidade. Tudo que se realiza numa organização se dá a partir dos indivíduos. Todo impulso espiritual novo só toma forma na vida de uma organização, a partir da atuação individual livre, na realização do trabalho de cada um.

Quanto mais conseguirmos distribuir autoridade até o nível do indivíduo, com base na confiança, mais efetivo será o trabalho.

Ao invés da ideia de que todos precisamos decidir tudo juntos, partimos do princípio de que confiamos na competência dos profissionais para tomarem as melhores decisões na hora em que elas se tornarem necessárias. Para isso, é importante criarmos estruturas de acordos no grupo, que deem suporte a autonomia (liberdade com responsabilidade) na atuação profissional.

Outro aprendizado do livro é com relação às práticas de Integralidade, no sentido de cada indivíduo poder expressar sua individualidade livremente e ser respeitado por isso.

Quando a organização cria momentos onde cada um pode se expor em suas vulnerabilidades, surge no grupo um sentimento de colaboração mútua, de que estamos todos no mesmo barco, somos todos seres humanos com virtudes e dificuldades, e quanto mais nos ajudarmos mutuamente, melhor será para todos nós. Podemos ajudar assim a cada um alcançar o seu pleno potencial, o que faz com que o grupo também alavanque as suas possibilidades.

E o terceiro aprendizado do livro é sobre a busca por um Propósito Evolutivo, no sentido de estarem todos alinhados a um mesmo propósito. É importante aqui também criar momentos onde o grupo se junta para “escutar” o propósito da organização, ou seja, elevar a consciência para perceber a organização como um ser próprio, imbuído de um propósito social. Nesses

momentos, o grupo pode se fazer as perguntas “O que queremos realizar no mundo? Qual o real propósito da nossa escola?”, não de forma retórica, mas numa verdadeira busca de escuta.

Dessa maneira, a organização passa atuar a partir de um novo paradigma. Ao invés do paradigma do comando e controle, passa para o paradigma do perceber e responder. Se todos na organização se sentem imbuídos de um mesmo propósito, se existe um espírito de colaboração no grupo e se cada um tem autonomia para atuar a partir de suas competências, a organização está apta a responder às demandas que surgem, fazendo o seu melhor a cada momento.

No paradigma do comando e controle, as organizações procuram prever o melhor possível as possibilidades futuras (mesmo que quase nunca acertem!). Fazem um planejamento detalhado com muita antecedência e depois despendem um esforço enorme para controlar que todos os seus integrantes estejam indo na direção almejada.

Para que esse controle seja eficaz, a organização cria estruturas (departamentos) e aloca o tempo de muitas pessoas para funções de controle, deslocadas da atividade-fim. Isso, além de ser um desperdício de esforço, energia, tempo e dinheiro, gera pessoas insatisfeitas e frustradas, desconectadas do propósito maior, aumentando assim o potencial de conflitos.

Nas organizações pesquisadas por Laloux, as próprias pessoas que realizam as atividades-fim, são responsáveis também por muitas atividades-meio, reservando para isso uma parte do seu tempo de trabalho. Assim, se cria uma organização mais focada e enxuta, onde cada um está apto a perceber o futuro que emerge a cada momento, os desafios e demandas da realidade. E como todos estão imbuídos do mesmo propósito e são confiáveis, se sentem empoderados para responder da melhor maneira possível a partir de suas competências e de solicitar ajuda sempre que sentirem necessidade.

Então, para que as EWs possam realizar seu ideal educacional, seu propósito evolutivo de forma mais apropriada, é necessário criar uma atmosfera de confiança, onde as virtudes de cada um são valorizadas e as vulnerabilidades são compartilhadas, respeitadas e ajudadas, criando um espaço que favoreça o autodesenvolvimento de cada um. É necessário também, aperfeiçoar habilidades de relacionamento, onde cada um possa desenvolver a capacidade de escuta empática, de comunicação franca e respeitosa e de atuar com base nos fatos e não em suposições pessoais. É preciso ainda aprender a fazer reuniões produtivas, fazer acordos e tomar decisões de forma colaborativa. É importante também definir com clareza quais são as atribuições de cada pessoa e de cada instância de atuação.

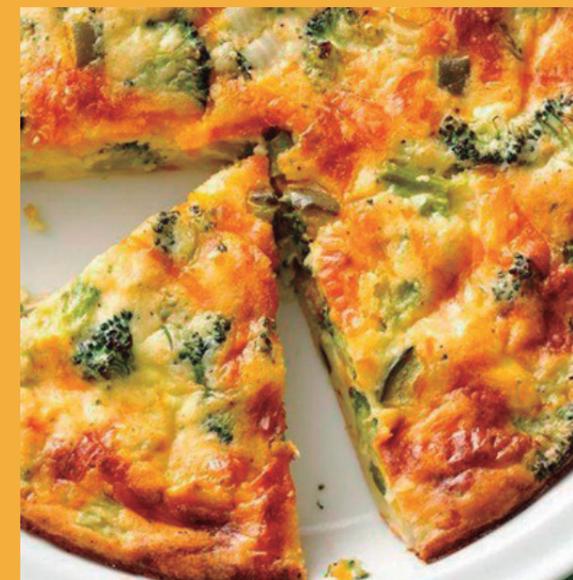
A partir daí cada membro da escola estará mais capacitado e empoderado para perceber as necessidades que surgem e atuar na direção do propósito comum. Ou seja, dessa forma as escolas passam a atuar com uma verdadeira autogestão. Com todos colaborando com a escola, mas a partir de um lugar de autonomia com responsabilidade.

Criaremos assim, escolas que sabem aproveitar o potencial de cada um em prol dos objetivos do todo, que tomam decisões com mais agilidade, mas, ao mesmo tempo, respeitando e conciliando as vontades de cada um.

Roberto Dertoni

Nossas Receitas!

Torta Reta da Professora Anita



Toda sexta-feira as crianças do Jardim da professora Anita comem sua famosa torta reta durante o lanche. A receita é tão gostosa que muitas famílias acabam repetindo-a em casa e levando ao lanche coletivo quando os alunos passam para o Ensino Fundamental. A professora Anita gentilmente cedeu a receita para compartilharmos para que todos possamos apreciá-la.

TORTA RETA DA ANITA

Ingredientes:

- 3 cenouras,
- 3 espigas de milho,
- 1 chicória,
- 1 alho-poró,
- 500g de queijo de Minas
- 1/2 copo de óleo
- 3 copos de farinha de arroz
- 2 copos de água
- 1 colher de sobremesa de fermento em pó
- 6 ovos

Preparo:

Lavar e cortar a cenoura, o milho, a chicória e o alho-poró. Bater os ovos, juntando o óleo, o sal e a água. Juntar as verduras e legumes, a farinha, depois colocar o fermento e misturar bem. Untar a forma retangular e colocar o preparado. Assar em forno médio por 40 minutos. Cortar em pedaços retos para servir. É torta, mas é reta!

Desfrutem!!

Escola Aldeia Akatu
Pedagogia Waldorf
Barão Geraldo




MATERNAL JARDIM FUNDAMENTAL
e Período Integral

Uma escola que trabalha o desenvolvimento de seres humanos criativos e independentes. Venha conhecer nossa escola! Agende uma visita!

19 3287 6761 e 99643 7381 ☎
aldeiaakatu.org.br

Barão Geraldo
Campinas

CORALINA
ARTE RECREAÇÃO

- Arte
- Brincar Livre
- Jardinagem
- Marcenaria
- Capoeira Angola
- Teatro
- Yoga
- Dança
- Culinária
- e muito amor

Rua Egas Muniz, 45
Pq. Taquaral - Campinas - SP
(19) 3324-3443 / 9 8165.5403



LAÍS HERRERA
Terapeuta Artística
Arte Educadora



Rua Frei Manoel da Ressurreição, 871
Jd. Guanabara - Campinas - SP
(19) 99648.7720
lais@espacoclaraluz.com.br
espacoclaraluz.com.br

MATRICULAS ABERTAS
VENHA CONHECER!



Íris
Jardim de Infância Waldorf
BERCÁRIO, MATERNAL E JARDIM

(019) 3381-8189
WWW.IRISJARDIM.COM.BR

R. FRANCISCO DE BARROS FILHO, 235. BARÃO GERALDO

Antonella Aggio

Psicóloga e
Aconselhadora
Biográfica
CRP 06/53537-6

(19) 98278 3854 ☎
antonellaaggio@gmail.com

Bonon e Amaral Imóveis



Maurício Pavlu Danna
CRECI 172745
mauricio@bononeamaralimoveis.com.br
(19) 9.7408-4243

CRECI 228714

Aromaflora

Curso de Formação Profissional em Aromaterapia
Aromatize-se com Saúde e Bem-estar

Rua Conde de Irajá, 20 - Vila Mariana - SP
Tel. (11) 5084-2921 WhatsApp: (11) 97711-6744

www.aromaflora.com.br
cursos@aromaflora.com.br

Dra. Renata Cancian
CROSP 48269

Clinica Geral
Ortodontia
Ortopedia Funcional

(19) 3233 5420

R. Barão de Jaguará, 526 - sl. 42 | (19) 99178-0778



Terapia Artística Antroposófica
Terapia Transpessoal (DEP)

MARCIA ABUMANSUR

Sousas / Campinas
(11) 9 9339 4230
marciaabu@gmail.com
www.marciaabumansur.com.br



Ateliê da Oliveira
Trabalhos manuais

Materiais | Cursos | Loja Colaborativa

(19) 99176-4657 | @ateliedaoliveira
facebook.com/Ateliedaoliveira
Av. Dr. Jesuino Marcondes Machado,
1821 - Campinas



Ita Wegman
NÚCLEO TERAPÊUTICO

OFERECEMOS ATENDIMENTOS EM GRUPO OU INDIVIDUAL, COM TERAPIA SOCIAL E EDUCAÇÃO TERAPÊUTICA BASEADOS NA ANTROPOSOPIA

Rua Piquete, 604 - Nova Campinas - 19 99983-9016



M I C R O
KINESITHERAPIE

Microfisioterapia
Medicina Tradicional Chinesa
Vivências para Gestantes
Vivências para Prevenção e Controle do Stress
Estimulação Essencial - Bebês

Valinhos, Campinas e Vinhedo
Whatsapp: (19) 98183-8076

Dra. Kellen Guedes da Fonseca Schultz



Daniela Ozi Ehrenwinkler
Terapeuta Musical

MUSICOTERAPIA
Cantoterapia
Terapia sonora
Aulas de lira e kantele

metalgeorg.com.br

(19) 99796 9507
daniela.ehren@gmail.com

Georg Ehrenwinkler
Ferreiro Artesanal e Sonoro

Oficina de Forja
Instrumentos percussivos de metal
(gongo, metalofone, cimbalo, etc)
Vivências de Forja para Alunos

(19) 99796 9503
metal.georg@gmail.com

CURAR COM AMOROSIDADE

AROMATERAPIA

MARIABADULAQUES@GMAIL.COM
19 98988 5663
R. FRANCISCO OTAVIANO, 921
JARDIM CHAPADÃO, CAMPINAS.

ATENIMENTO INDIVIDUAL - AROMATERAPEUTA - MOON MOTHER®




Daniela Ozi Ehrenwinkler
Terapeuta Musical

MUSICOTERAPIA
Cantoterapia
Terapia sonora
Aulas de lira e kantele

metalgeorg.com.br

(19) 99796 9507
daniela.ehren@gmail.com

Georg Ehrenwinkler
Ferreiro Artesanal e Sonoro

Oficina de Forja
Instrumentos percussivos de metal
(gongo, metalofone, cimbalo, etc)
Vivências de Forja para Alunos

(19) 99796 9503
metal.georg@gmail.com